

## OS CABOCLOS DE PORANGABA

---

AMORA MACIEL

Os índios “porangabas”, chefiados pelo morubixaba “Algodão”, nos aldeamentos de Arronches e Messejana alargaram, um dia, o seu domínio, com datas de sesmarias na direção de Caucaia e com as sobras de terras confinando com as serras de Maranguape e Aratanha. A esse tempo já se erguia naqueles lugares a capela construída pelo chefe geral potiguar, Felipe Camarão, e para onde ele fizera trasladar, com outros, os ossos de “Amanajara” — homem que fazia chover —, como se apelidara, na língua dos aborígenes, o Padre Francisco Pinto, trucidado pelos ferozes tacarijus.

E, sob a invocação do Senhor Bom Jesus — padroeiro da terra, o sentimento religioso reunia as almas dos catequizados.

Entrementes, uma provisão régia dava privilégios aos reinos que se casassem com indígenas e proibia, com degredo para fora da comarca, os que, por desprezo, chamassem de “caboclos” os primitivos donos da terra.

Mas a descendência dos “porangabas” ficou conhecida, até os nossos dias, com a denominação de “algodões”, em homenagem ao “principal” da tribo, também conhecido por “Amanai” ou “Maniú”, homem de palavra e que, para garanti-la perante o Príncipe de Nassau, lhe enviou dois filhos, como reféns.

O “principal” indígena, fazendo-o, pleiteava a conquista do Ceará, para outrem, terra que gozava do conceito de estéril e inútil, para o que prometia a sua coadjuvação, pois é sabido que a Corte de Lisboa chegou a entabular negociações com os holandeses, a fim de ceder-lhes o território que compreende o Rio Grande do Norte até Sergipe, estabelecendo, porém, que as terras às margens do Marajaitiba ficassem desertas, diante da sequidão do solo, do clima abrasador e da ferocidade do “índio cearense”, sempre em oposição ao “branco” invasor. Daí o sentido libertário da sua vida.

Diante disso, por volta da 2.<sup>a</sup> metade do século XIX, um escravocrata do Sul, dizendo da sua revolta contra o abolicionismo cearense, — vitorioso em 1884 e precursor da libertação total, em 1888, em todo o país — perguntava por que não vendíamos à Inglaterra esse Ceará desgraçado e a Estrada de Ferro D. Pedro II, para saldar as nossas dívidas, acumuladas com a Guerra do Paraguai?

Era a vingança do algoz que se fez vítima.

E foi assim que o Ceará permaneceu sob domínio português e, com a Independência, o mais brasileiro dos brasileiros, porque sem a miscigenação dos povos mais ao sul.

\* \* \*

1920. Primeiro domingo de novembro. Os “algodões”, caboclos dos aldeados de Bom Jesus dos Aflitos de Porangaba, seguindo os costumes do “principal”, João Algodão, se preparavam para a romaria com os seus sacrifícios.

Taquara era o pouso do maior núcleo naquelas cercanias e que, ao bate-bate dos tambores, enchia a estrada de Arronches dando vida à tradição afamada.

Porangaba, como é chamada a antiga aldeia, vive, agora, algumas horas de alegrias, no burburinhar contínuo daquela gente em folganças domingueiras.

O foguetório sobe, aos papocos, e a bebedeira traz à alma das ruas o baticum apressado dos bons dias vividos.

Bom Jesus é o padroeiro daqueles sítios, onde os festejos se iniciam na antevéspera de Natal em homenagem ao Salvador, feito Homem.

E eles guardam, ainda, a fé religiosa dos ancestrais, sempre em guerra com os “paiacus” e “camussis”.

Absalão Carapeba, chefe do cortejo, ingressa no velho templo, diante do qual um Cruzeiro, erguido pela devoção popular, desafiava o sol e os aguaceiros.

Aguarda-o o Padre José Correia Lima, pároco de Assaré e que, momentaneamente, na ausência forçada do senhor da vigararia, exercia as funções sacerdotais, a cargo do Monseñor Rodolfo Ferreira da Cunha, piedoso servidor da Santa Madre Igreja.

Felizmente a chuva inesperada lavara a fedentina existente no adro, arrastando para longe os detritos malcheirosos, deixados pelo desrespeito da molecagem atrevida e sem crenças.

Todos os santos dias o sacristão da paróquia chamava a atenção do delegado de polícia para aquelas sujeiras.

Ficava de sobreaviso até a madrugada, à espera de alcançar o trocista anônimo, para castigá-lo fisicamente. Mas, quando se afastava, tonto de sono, aparecia o irreverente para, mais uma vez, deixar a porcaria ao pé da Cruz Simbólica.

E repetia o procedimento sem que o sargento Serapião Além da Hora, autoridade policial e a cargo da qual estava o policiamento do lugarejo, pudesse capturá-lo, dando-lhe o merecido castigo.

Simulando desalentos, o mestre de música, Cantídio Boaventura, uma “peste de ateu”, segundo as velhas rezadeiras, demoveu a autoridade da continuada vigilância: Seu Serapião, se esqueça disso que o renegado se afugenta e vai fazer as pazes com Nosso Senhor, pois isso não passava de promessa...

Serapião, ante a galhofa do homenzinho, fê-lo pagar pelo pecador, fazendo-o pernoitar, a seguir, no chão friorento da

espelunca, onde custodiava os beverões e contraventores das redondezas.

Entrementes, Absalão Carapeba, em figurações de quem se julgava acima de todos, avivava, na mesclagem do sangue, a tradição dos “algodões” avoengos.

Sobe ao Altar-mor e retira, então, acompanhado de cânticos seculares, a coroa do padroeiro do seu povo, enquanto a imagem do Bom Jesus, cabeça ao vento, parece sorrir para o cabocla em encenações de amor cristão.

---

Inicia-se a jornada da esmola, pedida de povoado em povoado, ao redor do Trapiá e Pacatuba, e estendendo-se mais além, pelo Canindé a fora, e tornando a Porangaba após palmilhar as terras de Uruburetama.

Sempre a conduzirem a insígnia da nobreza sentimental, entre o respeito das turbas, eles param de porta em porta, da humilde choça ao terreiro das “casas grandes”, ao musicar incessante de cantigas mal cantadas:

*“É chegado à vossa porta  
O nosso Pai verdadeiro,  
Nós pedindo a sua esmola  
Pro nosso santo festeiro”.*

E, a seguir, como reconhecimento ao óbulo recebido, soltam pelos ares o estribilho simplório:

*“Deus lhe pague a sua esmola,  
Deus lhe dê muito que dar,  
O Bom Jesus dos Aflitos  
Ele nos queira ajudar”.*

E, quantas vezes, com renúncias sem conta, o caboclo cearense não cevava o suíno ou engordava o capote para, à passagem dos “algodões”, demonstrar a fidelidade religiosa, presenteando-o aos peregrinos!

Belo sacrifício para, ao entardecer do dia 23 de dezembro — antevéspera do Natal, tornarem à matriz do Bom Jesus de Porangaba, trazendo à bandeja os brindes dos remanescentes de uma raça altiva.

Levantavam a “bandeira” da sua veneração no mastro que se alteia sem ornatos, à frente do Cruzeiro, no adro do templo, e se entregam às comemorações da “primeira noite” de festas, dedicada aos “caboclos”, enquanto, nas seguintes, são homenageados outros patronos, escolhidos entre a gente importante do lugar.

\* \* \*

Poucos dias faltam para o fim da jornada, enquanto, pelos caminhos, levas de “retirantes”, ao “deus-dará”, buscam o litoral, em filas indianas, sempre pelo meio das ruas, pois acham que as calçadas pertencem aos transeuntes de sapato e gravata.

Engrossando as vagas humanas e perdidos entre aquela gente humilde, para desaguarem num oceano de incertezas, se acotovelam homens simples, com as faces riscadas de sofrimento, os vagabundos de toda espécie e até ciganos e bandoleiros, sem mais as armas do crime.

Um deles, mergulhando a mão no surrão, onde a farinha da terra se mistura aos pedaços de rapadura e moedas, guardadas com avareza, procura reverenciar a imagem do Santo que passa...

Retira o dobrão de 400 réis e o coloca na bandeja sagrada.

Ai daquele que tentar desfalcar o patrimônio do Bom Jesus! Então não será crime ir-se às últimas conseqüências...

Todos se entreolham diante da dinheirama aconchegada. Mas ninguém tem a coragem de pôr-lhe as mãos. Porque, para o bandido que se comprime na multidão, se matou algumas vezes, a troca de boa paga, roubar dos Santos é mes-

mo que pedir passagem para o inferno. E, para eles, o desfeitoado não tem esperanças de ir para o céu, sem realizar a vingança sem arrependimento.

Até Deus Nosso Senhor, no entendimento daquela gente rude, castiga o pecador com as penitências, mandando as almas para o inferno, quanto mais os viventes deste mundo!

Xandu Catingueira era aquele celerado, perdido no meio da turba, ao lado da mulher e do filho recém-nascido, que eles não queriam ver morrer pagão, pois não entra na Côte Celeste quem leva a mácula do pecado original.

Vai à presença do Padre José Correia Lima, de passagem pela Porangaba, e que fazia as vezes de Chefe da Paróquia, e solicita batizá-lo.

— Qual o nome que os pais desejam escolher? — “Seu” Vigário, a gente quer botar mesmo é o nome de Sebastião, pois nasceu no dia do “trespassado”, esclarece o circunstante. — E os padrinhos? — O Padre Cícero e Nossa Senhora das Dores — Não! rispidamente atalha o celebrante da solenidade tão cristã. Seus gestos bem diziam da reprovação àquela escolha. E conclui: — O homem de batina do Juazeiro está suspenso de ordens. Não pode celebrar nem dar nome a um pagão. Então não batiza! acode o celerado, com o olhar chispando crueldades.

— Batizo, sim batizo, e seus padrinhos são São José e Nossa Senhora!

Catingueira sai pelo templo a fora a exclamar: Vou matar aquele padre, pra ele não ter mais o atrevimento de ofender o “meu padrinho.” Conhecera o Patriarca quando, para pagar uma promessa no Juazeiro, pra lá se botou. Levava somente uma arma, pois, dizia, na Paraíba, quando a gente ganha um conto de réis compra logo um bacamarte. Mas vendera-o para ter o “de comer” e seguir em rumo do mar. . .

Ninguém teve a coragem de aproximar-se do sacerdote, para defendê-lo da fúria do malvado.

Ei-lo que torna, portando a “paraíba” afiada para enterrar no bucho do padre renitente.

Fita com ares provocantes o vigário que, sem medo, olhando-o com firmeza, abre os braços em cruz, dentro do paramento sagrado, e desafia: Estou às suas ordens. Mate um vigário de Cristo em pleno sacerdócio, no Altar da Eucaristia!

O sanguinário, oriundo dos Cariris paraibanos, lá das bandas da Serra da Borborema distante, empunhando a arma baixa o olhar, fita, após, a imagem de Bom Jesus. enquanto o corpo estremece, sacudido pela voz interior, que desarma, com a crença divina, o pecador.

Do braço estirado na direção do solo cai a arma, de lâmina brilhante, e o sertanejo murmura: Batize, padre, batize!

O corajoso sacerdote a apanha, tenta quebrá-la sob o tacão das botas, e a atira para fora do templo, passando, em seguida, a ministrar o sacramento do batismo.

Enquanto, lá fora, o caboclal de Taquara glorificava o menino Bom Jesus, cantando desafinadamente:

*“Meu Bom Jesus do Calvário,  
Sua cruz é de aroeira,  
Porque vós sois lindo cravo  
Que nasceu entre as roseiras*

*O vosso nome é Jesus.  
É Jesus de Nazaré.  
Inda espero me salvar  
Pela vossa santa fé.*

*Vossos divinos ombros  
Mais fino que melhor ouro,  
Ainda espero encontrar  
No vosso santo tesouro.*

*Vossa divina cabeça  
Está c'roadada com espinho,  
Tudo pelos meus pecado,  
Meu doce amante divino.*

*Vossos divinos olhos,  
Inclinados para o chão,  
Inclinai vós para nós  
P'ra nossa morte e paixão.*

*A vossa divina boca  
Bebeu o fel amargoso,  
Pelos nossa, audaciosa,  
Meu Bom Jesus poderoso.*

*Vossos divinos ombras  
Vão carregando o madeiro,  
Os nossos o aliviando,  
Meu Bom Jesus verdadeiro.*

*Vossas divinas mãos  
Estão cravadas na cruz,  
As nossas, para ofender,  
Vivem soltas, meu Jesus.*

*Vossos divinos lados  
Traspassados com a lança,  
Nossos corações, nas mãos,  
Não querem senão vingança.*

*Vossa divina cintura.  
Atada com uma toalha,  
Tudo pelos meus pecados,  
Meu Bom Jesus do Calvário.*



*Vossos divinos joelhos,  
Feridos, ensanguentados,  
Os nossos tão asseados,  
Queremos ser perdoados.*

*Os vossos divinos pés,  
Frios como a neve pura,  
Por eles amanaram sangue  
Pela RUA DA AMARGURA.”*

Xandu Catingueira, afastando-se da multidão em festa, repete, como se cochissasse, para ser ouvido somente pelo Bom Jesus:

*Inda espero me salvar,  
Pela vossa santa fé.*

*Nossas mãos, para ofender,  
Vivem soltas, meu Jesus!*

*Queremos ser perdoados,  
Queremos ser perdoados!*

Catingueira marcha na direção da Igreja, à procura do padre José Correia, que se aprestava para seguir viagem, em busca da vigararia da Assaré onde, com abnegação, exercia o seu sacerdócio. Ajoelha-se diante do altar, beija a mão e a batina do clérigo e, cabisbaixo, como que envergonhado, caminha estrada a fora, cumprindo um destino...

Lá ao longe os “caboclos” se perdem, também, na curva da “estrada real”, para se juntarem na Caucaia e imediações, e rogando a Deus Todo Poderoso as suas bênçãos, vindas nas chuvas que demoram e na santa paz que une a todos, pela fraternidade cristã.